

que o conferente discutiu nos seus livros sobre a «Fauna do Brazil» e constituem inabalaveis provas e documentos biologicos e zoo-geographicos para uma distribuição antiga de mar e terra firme, diversa da actual e uma ligação dos ditos continentes em periodos geologicos passados.

DR. E. A. GOELDI

Summula de uma conferencia do Dr. E. A. Goeldi, perante a «Sociedade Zeladora do Museu Paraense», 3 de Junho de 1897.

II

Os nossos conhecimentos actuaes sobre as especies de seringueiras

O nome de «seringueira» não corresponde a uma só especie botanica, mas a um genero, que contém actualmente onze especies, das quaes nove são da região amazonica. Quanto á *Siphonia elastica* que geralmente, mesmo por botanicos de profissão, é citada como a unica especie do genero, é preciso dizer que ella é justamente uma das duas especies, cuja existencia no valle amazonico ainda não está provada. Este facto, que a muitos parecerá estranhavel, assim como a prioridade e portanto a prerogativa do nome generico *Hevea*, vae evidenciar-se da seguinte summula chronologica dos nossos conhecimentos sobre as especies de seringueiras.

1775.—O botanico francez Aublet (*Histoire des plantes de la Guyane française*) dá, sob o nome de *Hevea guyanensis*, a primeira descripção scientifica de uma verdadeira seringueira, colleccionada por elle nas florestas da Guyana franceza. A descripção é acompanhada de uma estampa, representando as folhas e os fructos da arvore.

1807.—Persoon, seguindo a nomenclatura generica de *Schréber*, substitue o nome de *Hevea guyanensis* pelo de *Siphonia elastica*. Durante perto de 60 annos este nome foi geralmente adoptado e muitas vezes estendido incorrectamente ás especies amazonicas.

1825.—O botanico allemão Kunth descreve, sob o nome de *Siphonia brasiliensis*, uma seringueira do alto Orenoco, colligida por Humboldt e Bompland, identificando-a com uma planta do herbario de Willdenow, colligida no Pará por

um tal Siber, creado do conde de Hoffmannsegg. Depois d'este tempo, diversos colleccionadores levaram do Pará specimens de seringueiras, que todos se mostram conformes á descripção da *Siphonia brasiliensis*, de maneira que esta especie póde ser considerada como sendo em todos os casos a especie, senão unica, ao menos mais commum na vizinhança da capital.

1854.—Classificando as vastas collecções reunidas por Spruce na região amazonica, o celebre botanico inglez Bentham descreve cinco especies novas do genero *Siphonia*:

- Siphonia Spruceana* (de Santarem).
 » *discolor* (de Manáos).
 » *pauciflora, rigidifolia e lutea* (do alto Rio Negro e do Rio Uaupés).

1865-1866.—J. Mueller Argoviensis, o sabio monographo da familia das *Euphorbiaceas* (à qual pertencem as seringueiras) conforme a lei da prioridade hoje geralmente admittida nas questões de nomenclatura, restabelece o antigo nome generico de *Hevea* (Aublet). Segundo este autor, as especies descriptas até essa época hão de se chamar da seguinte maneira:

- 1 — *Hevea guyanensis* Aublet.
 2 — » *brasiliensis* Muell. Argov.
 3 — » *Spruceana* » »
 4 — » *discolor* » »
 5 — » *pauciflora* » »
 6 — » *rigidifolia* » »
 7 — » *lutea* » »

1874.—A estas especies já conhecidas, o mesmo autor junta, na sua monographia das *Euphorbiaceas* brasileiras (Martius, Flora brasiliensis, vol. XI, parte II), mais as seguintes quatro especies novas:

- 8 — *Hevea membranacea* Muell. Argov. (Rio Uaupés, coll. Spruce).
 9 — *Hevea Benthamiana* Muell. Argov. (Rio Uaupés, coll. Spruce).
 10 — *Hevea nitida* Muell. Argov. (Amazonas e Solimões, coll. Martius).
 11 — *Hevea jancirensis* Muell. Argov. (Rio de Janeiro, coll. Glaziou).

Como se vé, de todas estas especies de seringueiras só duas, a primeira e a ultima, não são constatadas no valle amazonico. Das nove especies amazonicas, duas se acham tambem fóra dos limites da região amazonica, a *H. brasiliensis*, no alto Orenoco (o que me parece aliás bastante estranhavel) e a *H. pauciflora*, que cresce na Guyana ingleza.

No valle amazonico mesmo, a distribuição das differentes especies, segundo o estado actual dos nossos conhecimentos, é a seguinte:

Amazonas inferior: Hevea brasiliensis Muell. Argov. (coll. por Siber, Spruce, Burchell, etc.)

No rio Maracá, affluente septentrional do Amazonas inferior, foi colleccionado ultimamente pelo pessoal do Museu Paraense uma especie, designada n'aquella região pelo nome vulgar de «seringueira barriguda» e que corresponde á descripção da *Hevea Spruceana*. Entretanto, parece que ella não se aproveita para a extracção da borracha.

Amazonas central: Hevea Spruceana. Muell. Argov. Segundo Spruce, esta especie é a mais frequente na foz dos rios Tapajós e Madeira. A *Hevea discolor* é conhecida principalmente na região de Manáos e do rio Madeira inferior. Quanto á *Hevea nitida*, que foi achada por Martius no Amazonas e Solimões, não se sabe se ella serve para a extracção da borracha.

Rio Negro e Uaupés: Das cinco especies de *Hevea* que são conhecidas d'esta região (talvez a melhor estudada n'este ponto de vista, graças aos esforços de Spruce), duas, *Hevea lutea* e *Hevea pauciflora*, são positivamente conhecidas produtoras de borracha. Entretanto, é provavel que tambem sirvam as outras especies (*Hevea Benthamiana*, *rigidifolia* e *membra-nacca*) para a extracção da gomma elastica.

D'esta revista rapida resulta com evidencia que os conhecimentos actuaes sobre as especies amazonicas do genero *Hevea* ainda são bastante incompletos, principalmente em relação ás especies que se acham no curso superior dos tributarios do grande rio, sendo quasi unicamente o Rio Negro estudado n'este ponto de vista.

Quaes são agora os caracteres que permitem distinguir as differentes especies do genero *Hevea*? Quanto a isso é preciso dizer que a divisão scientifica em especies não corresponde sempre á divisão popular em diversas «qualidades», a gente do paiz e os seringueiros distinguindo as qualidades pelos caracteres que mais dão na vista, como por ex.: tamanho e habito das arvores, a côr da casca, etc., caracteres que muitas vezes

são bastante variáveis segundo o terreno, ao passo que os botânicos procuram os caracteres mais íntimos e por isso geralmente mais constantes da estrutura floral. Mas, sendo as flôres das seringueiras muito pequenas, a distincção das espécies botânicas se torna por ora quasi impossível para um leigo.

Porém é provável que, por estudos comparativos nos lugares mesmo onde crescem as diferentes espécies de *Hevea*, seja possível estabelecer a concordância entre os caracteres minuciosos das flôres e os caracteres exteriores mais fáceis de verificar pelo leigo. Fazer estes estudos e crear assim bases sólidas para uma classificação methodica e intelligivel para todos, será uma das tarefas da secção botânica do Museu Paraense.

DR. I. HUBER

III

MESOMYS ECAUDATUS

UM ROEDOR ESQUECIDO DURANTE MEIO SEculo

Entre a grande colheita que Johannes von Natterer trouxe do Brazil no principio d'este seculo e que quanto aos mamíferos foi elaborada pelo Prof. Wagner em München, achou-se, além de muitas outras novidades para a ordem dos roedores, uma espécie, representada por um unico exemplar, e este ainda incompleto, que o assiduo monographo dos mamíferos elevou ao grau de um genero novo—*Mesomys*. O exemplar tinha sido obtido pelo explorador austriaco em Borba (Amazonas). Um gavião levava alguma cousa nas suas garras e Natterer, tirando-o, obtinha assim tanto um como outro (27 de Março 1830). Ao ratto já faltava parte da cabeça. Não encontrou mais individuos, mas soube que o nome indigena do ratto é «soüá». Natterer affirmou, que este ratto não possuía cauda e Wagner accentua este facto. Duas descripções foram publicadas pelo ultimo, uma em 1845, outra em 1847, ambas estendendo-se sobre os caracteres exteriores d'este «unicum» e collocando-o no systema zoologico entre os Loncheridae (Rattos de espinho), em posição intermediaria entre os generos Loncheres e Echinomys. A diagnose generica dada era curta e laconica, resumida nas poucas palavras: «habitus Loncherium,